

Devastação: um nome para dor de amor

Gabriella Dupim e Vera Lopes Besset

No início da experiência analítica, foi o amor, diz Lacan¹ parafraseando a fórmula no *Princípio era o Verbo*, presente no Antigo Testamento. O amor interessa a psicanálise desde os primórdios freudianos. Em o "Mal-estar na civilização", Freud² indica que amar e ser amado é um dos meios dos quais dispõe o ser humano na busca da felicidade. E que a perda do amor, para uma mulher, ou do objeto amado, para o homem, constitui uma das fontes de infelicidade e desamparo. Em alguns casos, a aparente tristeza decorrente da separação conduz à angústia. E que, como veremos no lado feminino das fórmulas da sexuação, pode se revelar sob a face da devastação. Frente ao desamparo, na mulher devastada, a demanda infinita de amor retorna para ela mesma.

Para Lacan³ amar é dar o que não se tem. As mulheres nos ensinam sobre essa questão, demandando retoricamente que seus parceiros profiram seu amor em palavras. A literatura e a clínica nos enchem de exemplos do modo de amar feminino. Para amar é preciso falar, é por meio da fala que se pode dar a falta-a-ser⁴. Falando de amor, o que não é em absoluto necessário, uma mulher pode amar mesmo na ausência do homem amado, sustentada por cartas ou juras de amor eterno.

Para suprir o que falta, imprimi-se para um sujeito o sintoma. Para Miller⁵ "o sintoma inscreve-se no lugar do que se apresenta como falta, falta do parceiro sexual natural. O sexo não designa um parceiro sexual natural, é insuficiente para aparelhar". É nesse sentido que há algo nas parcerias amorosas que aponta para uma satisfação no sofrimento. Miller cria o sintagma parceiro-sintoma⁶ para

esclarecer que o verdadeiro parceiro do sujeito é sua forma de gozar. Isso implica que há endereçamento do sintoma que faz laço com o Outro. Assim, toda parceria seria sintomática. Brodsky⁷ afirma que o sintoma é um parceiro do sujeito, talvez o mais fiel, pois porta um gozo que supre a inexistência da relação sexual. Esse modo de suplência apresenta soluções diversas para homens e mulheres, dizem respeito à particularidade de cada um na lógica da sexuação⁸.

O parceiro torna o sintoma suportável para o sujeito, atenua o impossível de suportar. Por essa razão, nos diz Lecoeur⁹, é indispensável que a clínica do sintoma não ignore o mais-de-gozar que introduz o parceiro entre o sintoma e o sujeito. O termo parceiro-sintoma concebido por Miller está em consonância com a noção de *falasser* que, no último ensino de Lacan, veio substituir o de sujeito. O *falasser* comporta um corpo vivo, que fala e goza ao falar, enquanto o sujeito é sempre mortificado, definido como falta-a-ser. Esse autor define o *falasser* como "o sujeito mais o corpo, é o sujeito mais a substância gozante"¹⁰. Assim Miller esclarece que introduziu a expressão parceiro-sintoma para evidenciar o conceito de grande Outro para o sujeito barrado, \$, como simétrico ao parceiro para o *falasser*. Esse Outro do qual se trata no parceiro-sintoma é um corpo vivo, sexuado, permeado pelo gozo.

Em *O parceiro-sintoma*, ele diz: "a relação do parceiro supõe que o Outro se torna o sintoma do *falasser*, isto é, torna-se um meio de gozo"¹¹. Quer dizer que é um modo de gozar, inconsciente, do corpo do Outro. Esse autor ainda propõe que o parceiro-sintoma seria uma nova acepção do grande Outro, que inclui o gozo. Seguindo essa orientação, nos interrogamos em que condições o *falasser* se serve do Outro para gozar? Ele esclarece que embora o gozo seja do Um, *auto-erótico*, se produz através do corpo do Outro, sendo ao mesmo tempo *alo-erótico*¹² ou fora do corpo.

A partir da fórmula da sexuação proposta por Lacan no *Seminário 20*, é possível dizer que o parceiro-sintoma do homem se estrutura como $\text{Todo } x$, tomando o pequeno a , enquanto que do lado feminino, ele se estrutura sob o significante Não-Todo¹³. O gozo do homem, regido sob a forma de significante, o pequeno a torna possível contabilizá-lo. Enquanto que, para a mulher, é necessário que o parceiro tome o contorno de Não-Todo. Desse modo, para amar é necessário que haja a castração, que algo falte. Por isso se pode deduzir que é natural amar uma mulher, pois ela encarna o Outro barrado. Mas para amar um homem é imprescindível castrá-lo imaginariamente.

Para Lacan, "aquilo que dá suplência à relação sexual é precisamente o amor"¹⁴. Se não há o encontro entre os sexos, quer dizer um saber sobre a sexualidade do homem e da mulher, o que pode haver entre eles é o amor como sintoma possível. Quer dizer que não há uma condição necessária para ambos os sexos que os faça complementares¹⁵. A impossibilidade do encontro entre os dois sexos deve-se à inexistência do significante que designa o que é uma mulher, o que se torna questão tanto para o homem quanto para a mulher. O significante sexual por excelência é o masculino, sendo o feminino representado como ausência, ou menos, - *phi*.

No *Seminário 20*: Lacan profere que *a mulher não-existe* ao explanar sobre a lógica do contingente e do universal. Isso quer dizer que não há conjunto das mulheres; a mulher só pode ser tocada uma a uma. Esse aforisma também diz respeito à falta de atributos, de significantes para designar a mulher na partilha sexual.

A não-relação sexual pressupõe que há um desencontro entre os sexos¹⁶. Não é possível dizê-los, pois se trata de um furo na linguagem, ela é impossível de ser escrita em termos simbólicos. Pois o biológico, a natureza sexual não serve para dizer o que é um homem e o que é uma mulher.

Isso faz com que na partilha sexual¹⁷, a posição adotada na escolha de um objeto de investimento libidinal seja diferente para cada um dos sexos.

Mas, se para Lacan, o gozo da mulher é não-todo, ilimitado, não está totalmente referido à lógica fálica, o gozo do homem é fálico, limitado, circunscrito e até passível de ser contado. Ao mesmo tempo, indica "que se a posição do sexo difere quanto ao objeto, é por toda a distância que separa a forma fetichista da forma erotomaniaca do amor"¹⁸. A erotomania aproxima a mulher não-toda da loucura¹⁹. As mulheres são então loucas de amor, mas não completamente, o que diferencia esse modo de amar do delírio.

E quando um parceiro se torna o parceiro-devastação para uma mulher? Miller nos indica: quando a demanda de amor em seu caráter infinito retorna ao *falasser* feminino. O sujeito no feminino, sob a lógica do não-todo, se dirige ao parceiro pela demanda de amor, e isso retorna sob forma de devastação. A palavra devastação em francês é *ravage*, que tem a mesma raiz da palavra *ravissement*, deslumbramento, derivada de *ravie*, deslumbrar. Assim, um homem pode ser tanto o deslumbramento para uma mulher como uma devastação. E ser devastado significa

uma pilhagem que se estende a tudo, que não termina, que não conhece limites, e é em função dessa estrutura que um homem pode ser o parceiro-devastação de uma mulher, para o melhor e para o pior²⁰.

Para Lacan, a devastação na mulher leva a cabo essa insistência de amor, aí "não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens"²¹. A respeito da posição feminina de amar, pode dizer uma mulher: "que ele não me bata não é o que conta, o que conta é que eu seja seu objeto, que eu seja seu parceiro-sintoma, se isto me devasta, tanto melhor"²².

Na devastação há uma demanda de amor infinita na qual o importante é ser amada mesmo que como objeto-dejeto. Sobre isso Lacan²³ esclarece que na mulher há uma predominância do objeto de amor em relação ao de desejo, enquanto que no homem há uma divergência entre o objeto de amor e de desejo. Se não há uma condição única, universal, para a escolha de objeto, é possível que uma predileção se estabeleça por pequenos detalhes ou por uma mera contingência. Como na preferência de certas mulheres por homens degradados, bandidos, ou mesmo assassinos.

Dados da clínica nos indicam que a contingência do encontro com um homem pode levar à devastação para certas mulheres. Uma mulher, ao se enlaçar com um parceiro-devastador, faz retornar para si uma demanda de amor infinita, na qual a perda do amor conduz a estragos arrebatadores. Em uma análise cada mulher tem a possibilidade de se responsabilizar por essa modalidade de gozo e, em alguns casos, adotar outra posição frente à escolha de um objeto amoroso.

¹ Lacan, J. (1998[1960-1961]). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

² Freud, S. (1986[1929-1930]). "El malestar en la cultura". In: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu editores, pp. 57-140.

³ Lacan, J. (2005[1962-1963]). *Le séminaire, livre X: l'angoisse*. Paris: Seuil.

⁴ Miller, J.-A. (1998a). "O osso de uma análise". Salvador: EBP-BA, p. 102.

⁵ Idem. (1998b). "O amor sintomático". In: *O sintoma-charlatão. Textos reunidos pela Fundação do Campo Freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 30.

⁶ Idem. (2002). "La théorie du partenaire". In: *Quarto (77)*. Bruxelles: ECF, pp. 6-33.

⁷ Brodsky, G. (2008). "Síntoma y sexuación". In: *Del Edipo a la sexuación*. Buenos Aires: Paidós, pp. 43-53.

⁸ Lacan, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

⁹ Lecoeur, B. (1998). "La construction du partenaire". In: *La Lettre Mensuelle (174)*. Paris: ECF, pp. 12-14.

¹⁰ Miller, J.-A. (1998a). *Op. cit.*

¹¹ Idem. *Ibidem*, p. 104.

¹² Idem. *Ibidem*, p. 107.

-
- ¹³ Lacan, J. (1985[1972-1973]). *Op. cit.*, p. 109.
- ¹⁴ Idem. *Ibidem*, p. 44.
- ¹⁵ Miller, J.-A. (1991). *Logicas de la vida amorosa*. Buenos Aires: Editora Manantial.
- ¹⁶ Bessa, G., Besset, V.L. (nov. 2009). "Encontros e Desencontros. Ensaio sobre o 'não há'". In: *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, vol. 6, (2), pp. 97-114. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/journal/v06n02/7.pdf>.
- ¹⁷ Miller, J.-A. (2003). "Uma partilha sexual". In: *Clique - Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano* (2). Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.
- ¹⁸ Lacan, J. (1998[1960]). "Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 734-745.
- ¹⁹ Lacan, J. (1985[1972-1973]). *Op. cit.*
- ²⁰ Miller, J.-A. (1998a). *Op. cit.*, p. 115.
- ²¹ Lacan, J. (2003[1973]). "Televisão". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 538.
- ²² Miller, J.-A. (1998b). *Op. cit.*, p. 118.
- ²³ Lacan, J. (1998[1958]). "A significação do falo". In: *Escritos. Op. cit.*, pp. 692-703.